



## Para além das oposições binárias: Oposicionalidade, afetabilidade e subjetividade negra radical em bell hooks

*Beyond Binary Oppositions:  
Oppositionality, Affectability, and Radical Black Subjectivity in bell hooks' Thought*

*Más Allá de Las Oposiciones Binarias:  
Oposicionalidad, Afectividad y Subjetividad Negra Radical en el Pensamiento de bell hooks*

Vinícius Rodrigues Costa da Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

wanderson flor do nascimento<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília (UnB)

### RESUMO

Este artigo teoriza a relação entre três categorias centrais para as formulações de bell hooks no que se refere à crítica cultural e subjetividade - tendo em mente que o pensamento de hooks instaura um sistema fractal -, oposicionalidade, afetabilidade e subjetividade negra radical. A partir disso, estabelecemos o principal objetivo deste texto: *pensar com hooks* a importância da posicionalidade do corpo (sujeito) na construção do conhecimento e de si, a partir de sua capacidade de ser afetado (afetabilidade) e afetar as pessoas, como sendo etapas primordiais do contexto fértil para o surgimento da subjetividade negra radical. Para esta análise, este artigo abordará as seguintes questões: 1) a construção e o papel da subjetividade negra radical em bell hooks; 2) a recuperação do corpo e da afetabilidade na produção de conhecimento; e 3) a centralidade do *oppositional gaze* e a potência da imaginação no deslocamento dos binários rumo a novas consciências e novos mundos.

**Palavras-chave:** afetabilidade; oppositional gaze; subjetividade negra radical.

### ABSTRACT

This article theorizes the relationship between three fundamental categories for bell hooks' formulations regarding cultural critique and subjectivity - keeping in mind that hooks' thought establishes a fractal system - oppositionality, affectability and radical black subjectivity. From this, we establish the main objective of this text: to think with hooks about the importance of the positionality of the body (subject) in the construction of knowledge and of itself, from its capacity to be affected (affectability) and to affect people, as being primordial stages of the fertile context for the emergence of radical black subjectivity. For this analysis, this article will address the following questions: 1) the construction and role of radical black subjectivity in bell hooks; 2) the recovery of the body and affectability in the production of knowledge; and 3) the centrality of the oppositional gaze and the potency of imagination in the displacement of binaries towards new consciousnesses and new worlds.

**Key words:** affectability; oppositional gaze; black radical subjectivity.

<sup>1</sup> Graduando em Artes Plásticas (UFRJ), alune do Programa de Formação (em Arte Contemporânea) 2022 da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ) e autor de *Fragmentos do porvir* (Ape'Ku, 2022). <https://orcid.org/0000-0003-4128-1163> E-mail: [viniciuxcostasilva@gmail.com](mailto:viniciuxcostasilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Bioética (UnB) e professor de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). <https://orcid.org/0000-0002-3250-3476> E-mail: [wandersonn@gmail.com](mailto:wandersonn@gmail.com)



## RESUMEN

Este artículo teoriza la relación entre tres categorías centrales en las formulaciones de bell hooks sobre la crítica cultural y la subjetividad - teniendo en cuenta que el pensamiento de hooks establece un sistema fractal - la oposicionalidad, la afectabilidad y la subjetividad negra radical. A partir de esto, establecemos el objetivo principal de este texto: pensar con ganchos la importancia de la posicionalidad del cuerpo (sujeto) en la construcción del conocimiento y de sí mismo, a partir de su capacidad de ser afectado (afectabilidad) y de afectar a las personas, como etapas primordiales del contexto fértil para la emergencia de la subjetividad negra radical. Para este análisis, este artículo abordará las siguientes cuestiones: 1) la construcción y el papel de la subjetividad negra radical en bell hooks; 2) la recuperación del cuerpo y la afectividad en la producción de conocimiento; y 3) la centralidad de la *oppositional gaze* y la potencia de la imaginación en el desplazamiento de los binarios hacia nuevas conciencias y nuevos mundos.

**Palabras clave:** afectabilidad; oppositional gaze; subjetividad negra radical.

## Introdução

Escrever sobre bell hooks nos coloca sempre um desafio. O desafio de dar conta de uma análise sem rodeios que busca compreender e transformar a realidade social. Nesse sentido, o processo de escrita implica em escolhas e determinações (no sentido de determinar um programa de pesquisa e seu núcleo irreduzível). Neste ensaio, escolhemos, portanto, teorizar a relação entre três categorias centrais para as formulações de hooks no que se refere à crítica cultural e subjetividade – tendo em mente que o pensamento de hooks instaura um sistema fractal – a saber, oposicionalidade (*oppositionality*), afetabilidade e subjetividade negra radical.

Voltando ao desafio colocado, assumimos aqui, então, uma postura de *pensar com* ao invés de *pensar sobre* invocado por hooks, ao longo de sua obra. O exercício do *pensamento com* recupera uma tradição africana do conhecimento (MARTINS, 2003; 2021) e valoriza o papel do corpo e dos afetos na produção de um conhecimento dialógico e crítico. Em outras palavras, este ensaio pode ser lido como uma forma de diálogo com a obra de hooks e não uma tentativa de esgotamento de seu pensamento.

A partir disso, estabelecemos o principal objetivo deste ensaio: *pensar com* hooks a importância da posicionalidade do corpo (do sujeito) na construção do conhecimento e de si, a partir da sua capacidade de ser afetado (afetabilidade) e afetar as pessoas, como sendo etapas primordiais do contexto fértil para o surgimento da subjetividade negra radical.



Para esta análise, este ensaio abordará três grandes questões: 1) a construção e o papel da subjetividade negra radical em bell hooks; 2) a recuperação do corpo e da afetabilidade na produção de conhecimento; e 3) a centralidade do *oppositional gaze*<sup>3</sup> e a potência da imaginação no deslocamento dos binários e na construção de um novo mundo.

Nessa rota, este texto parte do pressuposto de que a “oposição não é o bastante” (HOOKS, 2019a, p. 55), pois é preciso ansiar a transformação do todo, e não apenas a mudança de representações pontuais. Para hooks, a oposição é uma postura que reforça uma lógica binária – muito característica do dualismo metafísico ocidental – de representação que não necessariamente desloca os binários que produzem os significados (HALL, 2016; HOOKS, 2019a, p. 43). Por isso, o pensamento de hooks nos leva para além das oposições binárias, para além de um simples binarismo e/ou, rumo à afirmação das pluralidades que constituem o sujeito (HOOKS, 2019d).

A crítica cultural de hooks, que se inicia em formato de livro na década de 1990, atravessa toda a sua obra e ao longo de sua carreira, ela escreveu diversos livros sobre o tema. Em ordem cronológica, os livros exclusivamente sobre arte e cultura são: *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (2019a [1990]), *Olhares negros: raça e representação* (2019d [1992]), *Outlaw Culture: Resisting representations* (1994), *Art on My Mind: Visual Politics* (1995) e *Reel to Real: Race, class and sex at the movies* (1996); para além dos volumes escritos em coautoria, como *Uncut Funk: A Contemplative Dialogue* (com Stuart Hall, 2018); e dos livros onde a crítica cultural não é o tema central, mas atravessa as análises, como *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019b [1989]) e *Salvation: Black People and Love* (2001), apenas para citar alguns.

Para hooks, a análise da cultura é importante, pois a partir dela podemos compreender os mecanismos de produção de significado e de organização da realidade social, enquanto algo que se constitui a partir do discurso e das representações. Nessa dinâmica, temos o

---

<sup>3</sup> Por se tratar de um texto de pesquisa, optamos por não traduzir o termo “oppositional gaze”, embora já traduzido como “olhar opositor”, porque a tradução usada não contempla a dimensão do sentido que estamos atribuindo ao conceito. Defendemos, portanto, que “opositor” reitera a lógica da oposição e, por isso, o melhor termo seria “oposicional”, que recupera a importância da posicionalidade. Além disso, a tradução de “gaze” como “olhar”, embora seja um consenso, também não é adequada nesse contexto, pois estamos falando de consciência e processos de representação do mundo.

sujeito como personagem central, mas também como objeto da cultura que, através de uma relação dialética, organiza as e é interpelado pelas dinâmicas das representações culturais.

Para além desta introdução e das considerações finais, este ensaio é constituído por três partes. Em um primeiro momento, este ensaio busca reconstruir o argumento acerca da subjetividade negra radical, levantando a hipótese de que o conceito já está presente no pensamento de hooks desde sua primeira publicação, *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*, em 1981 (publicado no Brasil em 2019c). Para tanto, será preciso analisar os modos pelos quais a produção de um sujeito universal se deu na modernidade colonial e se dá ainda hoje por intermédio dos sistemas representacionais, a fim de evidenciar o papel da subjetividade negra radical na transformação da consciência.

Seguindo o argumento, a questão da subjetividade negra radical nos leva ao segundo tópico do texto – a recuperação do corpo e da afetabilidade no processo de produção de conhecimento. Nesse momento, nos apropriaremos da concepção de Denise Ferreira da Silva (2007; 2019) acerca da afetabilidade e também de Enrique Dussel (1993), retomando a discussão sobre subjetividade, para compreender os diferentes modos existentes de conhecer o mundo e não situar, mas sim dialogar com a forma pela qual hooks trabalha com a questão da afetabilidade (sobretudo em HOOKS, 2017).

Dando continuidade à discussão, a última seção deste ensaio analisará a consciência oposicional (*oppositional gaze*) mobilizada por hooks, principalmente, em *Olhares negros* (2019d). Essa análise se dá na tentativa de compreender os mecanismos simbólicos de produção de significado que atravessam tanto a subjetividade binária quanto a radical, construindo uma lente pela qual os sujeitos veem o mundo e podem intervir nele para transformá-lo.

De certa forma, este ensaio busca construir um argumento filosófico acerca do sujeito que se constitui a partir de três grandes eixos – subjetividade, conhecimento e consciência – que não necessariamente se organizam de forma sequencial, mas se co-constituem informando a importância e centralidade da discussão proposta. Por outro lado, a escolha feita não necessariamente informa o mesmo caminho pensado por hooks. O que se encontra aqui é uma possibilidade de leitura e de diálogo para *com* uma intelectual tão importante para o



pensamento crítico contemporâneo. Um *pensar com* que busca, a partir da teoria crítica, reconstruir o presente e inventar o futuro.

## 1. Uma possível genealogia da subjetividade negra radical

Historicamente, os esforços do projeto colonial da modernidade têm contribuído para a construção de uma noção de subjetividade apartada da experiência e da natureza, não dependente do contexto social (FERREIRA DA SILVA, 2007). Para que esse processo obtenha sucesso, é preciso construir um *Outro* que, em oposição ao *Eu* transparente, seja submetido ao regime colonial para a autodeterminação moderna (DUSSEL, 1993). Dessa forma, embora as teorias da subjetividade mais recentes da filosofia ocidental tenham demonstrado que a subjetividade ocorre no encontro com o outro (BUTLER, 2019), ainda existem categorias que condicionam esse encontro e determina as subjetividades não-hegemônicas (que não são brancas, cis, masculinas).

No escopo do pensamento negro, especificamente, esses determinantes são importantes, pois determinam *quem é o ser e o que é o não-ser* (SANTOS, 2006; CARNEIRO, 2005; FANON, 2020), algo que se distancia das teorias ocidentais, que analisam de forma crítica tais mecanismos (sem se atentar de forma mais específica para o problema que surge no campo da ontologia).

Para a manutenção desse projeto colonial, como nos mostra hooks (2019d), a produção de imagens e ideologias<sup>4</sup> é fundamental para dar curso ao processo de *semiocídio ontológico* (SODRÉ, 2017) e construir a inferioridade do *ser negro* (SANTOS, 2006). Nesse sentido, parte da obra de hooks se dedica a compreender as dinâmicas que organizam os mercados de imagem e produzem as representações como mecanismos centrais para a nossa

---

<sup>4</sup> Os processos de significação são construídos *dentro e a partir* do discurso, enquanto uma prática de poder. Para Hall (2016), a partir de uma leitura de Foucault, nada possui sentido fora do discurso. Para a manutenção de um sistema que organiza as dinâmicas de produção de significado, por exemplo, é preciso que haja um processo de sujeição em operação. “Assuntos como ‘loucura’, ‘punição’ e ‘sexualidade’ só existem com sentido *dentro* dos discursos a respeito deles”, aponta Hall (2016, p. 82). E a forma discursiva desses assuntos é o que produz sujeitos, sujeitos a serem conhecidos, a serem controlados. Uma das formas de se estabelecer o controle social sobre esses sujeitos (objetos do conhecimento) é justamente controlando também os regimes de representação (HALL, 2016). Nesse sentido, os regimes de representação, ao produzirem conhecimento, estabelecem relações de poder, através do binômio poder/saber, de Foucault, e organizam ideologias de dominação (HOOKS, 2019d).

relação com o real e o social. Como consequência disso, ao ler hooks observamos uma consistente teoria do sujeito que o compreende como sendo “a junção de ‘muitos eus’, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade” (2019b, p. 78), evidenciando o caráter *afetável* do sujeito.

Ao longo de sua obra, observamos que o sujeito pensado por hooks é um ser que se constitui nas palavras, o que nos revela a importância do contato com outrem no processo de subjetivação e também nos mostra a importância dos mecanismos externos ao sujeito (ideologia, política e discurso; que são indissociáveis) neste. Assim, hooks o compreende como um sujeito discursivo, que também pode ser resultado de um processo de autorrecuperação, o que permitiria a sua integridade (agência) e engajamento radical.

De forma panorâmica, observa-se que o caminho para a *subjetividade negra radical* se abre em *E eu não sou uma mulher?* (HOOKS, 2019c), quando hooks se dedica a analisar os processos históricos que construíram a identidade da mulheridade negra, a partir da sua desvalorização contínua e dos aparatos ideológicos que foram criados durante e após o regime escravocrata nos Estados Unidos, a partir do século XIX. Parece-nos, a este ponto, que estamos lidando com um processo que integra o projeto da modernidade de garantir a inferioridade de pessoas negras (SANTOS, 2006), em curso desde o século XV e, de forma mais intensa, com a consolidação do Iluminismo.

Uma vez que o sujeito de hooks se constitui nas palavras e a linguagem é um sistema representacional (HALL, 2016), para a manutenção desses regimes de representação e construção identitária, o controle representacional é fundamental para garantir o funcionamento do sistema capitalista, imperialista e patriarcal de supremacia branca, como nomeia hooks (2019c). Em outras palavras, a política representacional da negritude na mídia de massa informa como esses indivíduos serão concebidos em suas relações sociais (HOOKS, 2001). Dito de outra forma: a imagem constitui a realidade social. Isto não significaria dizer que não existe mundo concreto fora da imagem, mas que o sentido só é dado ao mundo através do discurso (HALL, 1985).

Tendo em vista que uma das principais características do terceiro espírito do capitalismo é a comodificação das diferenças (e críticas) para seu posterior consumo, hooks



propõe uma criticidade na recepção dessas imagens, chamando atenção para o modo como as imagens que são representadas e escolhidas para serem difundidas em uma sociedade capitalista e de herança imperialista moldam nossos valores e crenças sociais e, como já apontado, nossas subjetividades.

Para o sistema capitalista, explorar as diferenças é fundamental para a manutenção das matrizes de dominação. A socióloga Patrícia Hill Collins (2019) aponta que a estrutura ideológica das matrizes de dominação garante, sobretudo, a sensação coletiva de inevitabilidade acerca da violência sofrida por corpos não-brancos nessas sociedades. Violência esta que garante esse status por meio das representações, inclusive.

Para compreender tais dinâmicas, Collins e hooks fazem uso do conceito de imagens de controle (COLLINS, 2019), isto é, dos mecanismos ideológicos de dominação interseccional, para analisar o modo de funcionamento da mídia de massa e da construção de sujeitos na sociedade estadunidense pós-escravidão. Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar uma passagem de *Salvation* (2001, p. 49-50):

Uma pessoa branca que contrata uma empregada negra esperando que essa pessoa seja gorda e engraçada, como a Tia Jemima na caixa de panquecas, provavelmente encontrará e escolherá esse tipo de pessoa. Lembro-me da minha surpresa quando aprendi, na graduação, que a imagem da *mammy* gorda era, em grande parte, produto de imaginações racistas e brancas. O historiador Herbert Gutman foi um dos primeiros estudiosos a chamar a atenção para o fato de que a pesquisa mostrou que a mulher negra média que trabalhava em uma casa branca após a escravidão era geralmente uma menina jovem subdesenvolvida e não a figura da mulher no sobrepeso exaltada pelos brancos. Esta figura existiu primeiro na imaginação branca e depois a realidade [a materializou].

Encontramos ainda, na obra de hooks, uma notável influência do sociólogo jamaicano Stuart Hall (uma vez que Hall compreende que a realidade é constituída pelas representações) e diversos elementos que configuram uma postura crítica ao pensamento ocidental. Dentre eles, notamos, em *Anseios* (2019a), o alerta para o fato de que a lógica binária ocidental pode fazer com que realizemos leituras também binárias da realidade social e pensemos a subjetividade negra da mesma forma, em oposição à branquitude.

Porém, como nos mostra hooks, a oposição não é o bastante. Dentro desse escopo crítico, a formulação de hooks nos dá os instrumentos necessários para a crítica da subjetividade binária e sua posterior reconstrução enquanto uma *subjetividade radical*. Tendo

em vista que “a identidade é evocada como a etapa de um processo por meio do qual se constrói uma subjetividade negra radical” (2019a, p. 64), é necessário que mudemos radicalmente as políticas de identidade para libertar o sujeito através do discurso e garantir o direito de autodefinição – que não é autodeterminação – deste.

Conforme hooks, “é preciso [revisar] radicalmente as noções de política identitária, de modo a explorar cenários marginais como espaços onde possamos nos tornar aquilo que desejamos, sem abandonar o comprometimento com a luta [libertadora] pela libertação negra” (2019a, p. 64). Nesse sentido, seria preciso então reconstruir as categorias identitárias para que as identidades possam, a partir disso, dar conta dos “muitos eus”, dos quais hooks (2019b, p. 78) fala. A partir dessa compreensão, salienta-se que a política de identidade deve ser múltipla e fluida.

Nesse sentido, hooks tece críticas ao pensamento nacionalista negro argumentando que ao enfrentar a crise da identidade negra, os nacionalistas negros construíram identidades monolíticas e uniformizantes (sob o pressuposto dos “interesses do povo africano”, como dirá Marimba Ani (*apud* HOOKS, 1995) na tentativa de solucionar a crise). No entanto, ao adereçar as armadilhas da epistemologia eurocêntrica que também produz uma identidade monolítica, o pensamento afrocêntrico, conforme hooks, reitera a ideologia eurocêntrica e patriarcal ao produzir a noção de um sujeito uniforme e, de certa forma, pré-discursivo e transcendental.

Para hooks, as representações promovidas pelo nacionalismo negro da segunda metade do século XX promoviam

apelos nacionalistas por uma representação unitária da negritude [que] tendem a enfatizar noções de autenticidade que sustentam uma visão de vida familiar patriarcal e de nação como as únicas estruturas possíveis pelas quais a crise da identidade negra pode ser resolvida. (1995, p. 244)

Dessa forma, o nacionalismo negro reinscreve as políticas de identidade nas dinâmicas do pensamento binário ao invés de superá-lo. Ao fazer isso, as ideologias de dominação não são necessariamente deslocadas e surge, então, um ideal de nação e povo que se assemelha às reivindicações eurocêntricas (GILROY, 1994). No entanto, esses esforços não desvalidam o





pensamento nacionalista negro, apenas não permitem a autodeterminação das comunidades negras. Conforme hooks,

No seu melhor, o pensamento nacionalista negro procura revisar e corrigir os preconceitos dos brancos ocidentais, especialmente porque eles superestimam as formas de conhecimento, criticam a supremacia dos brancos e oferecem aos negros uma visão de mundo oposta que promove a autodeterminação dos negros. Dentro da estrutura de uma teoria e prática patriarcal institucionalizada do nacionalismo negro, estas dimensões positivas são minadas. É o fracasso do nacionalismo negro em oferecer uma compreensão complexa e inclusiva da identidade negra, que não é sexista, homofóbica, patriarcal, ou apoiadora do capitalismo, o que a torna suspeita e politicamente problemática. (1995, p. 246)

Um exemplo desse mecanismo criticado por hooks pode ser observado em *Afropessimismo*, de Frank B. Wilderson III (2021), onde o autor assume uma postura misógina e realiza uma leitura insuficiente da obra de Frantz Fanon. Em sua obra, Wilderson faz uso, inclusive, da categoria “sócios minoritários”<sup>5</sup> para sustentar seu argumento de que o sofrimento negro é a condição de sustentação da sociedade colonial. Ao assumir tal postura, Wilderson III reitera a lógica binária da subjetividade negra, assumindo-a em contraste à subjetividade branca.

Embora não se verifique que o sofrimento negro é “mais sofrido”, Wilderson III também compreende a categoria racial como sendo unidimensional, isto é, descartando a inter-relacionalidade entre raça, classe, gênero, entre outros marcadores da diferença social. No entanto, Wilderson não está sozinho. Outros pesquisadores, como João Costa Vargas e Osmundo Pinho, no Brasil, se juntam à análise da anti-negritude como sendo uma análise unidimensional e que despreza a violência colonial contra pessoas indígenas e asiáticas, por exemplo.

---

<sup>5</sup> Em sua análise, Wilderson III (2021, p. 111) emprega a categoria “sócios minoritários” para descrever “pessoas humanas que não são machos brancos héteros”. No entanto, pessoas negras não são “sócios minoritários” porque seu sofrimento é incomensurável. A partir disso, Wilderson III argumenta: “pessoas brancas e seus sócios minoritários precisam da violência contra os negros para saber que estão vivas”, partindo do pressuposto de que pessoas indígenas e asiáticas, por exemplo, são cúmplices da violência colonial que sustenta a branquitude. “Eles são ‘sócios’ porque, assim como no caso dos machos brancos hétero, a violência contra os negros é o genoma de suas posições paradigmáticas e porque eles sofrem nas mãos de violência contingente, e não da violência gratuita ou nua da morte social.”

Em sua análise do conceito, a pesquisadora Gloria Wekker (2020) desenvolve uma crítica a Wilderson III salientando que “a posição de Wilderson também é inconsistente com a realidade” (p. 92). Nesse sentido, Wekker completa:

é problemático que uma experiência extremamente desagradável e racista seja identificada como a gênese de sua visão exclusiva. O excepcionalismo e a singularidade do sofrimento negro e seu ponto de vista anti-Palestina, parte da postura mais ampla *anti-NBPOC*,<sup>6</sup> assemelha-se curiosamente a um argumento sionista no qual o sofrimento dos judeus não pode ser comparado ou visto em relação ao sofrimento de outros grupos. (p. 92)

Adiante, sobre a valorização da categoria “raça” em detrimento de outras categorias de produção de diferença, Wekker diz:

Na verdade, ele sempre coloca a categoria “raça” acima de outras gramáticas simultâneas de diferença, como gênero, classe e sexualidade, fenômeno que ocorre mais frequentemente nos departamentos de *Black Studies* das universidades americanas, onde os homens negros ainda predominam. Outra forma de dizer isto é que a falta, heterossexual, masculinidade de classe média, é o ponto de partida não falado, inquestionável, e vejo que isso reflete em suas análises. (2020, p. 94)

A análise de Wilderson III, nesse sentido, vai contra a compreensão de hooks que, em *E eu não sou uma mulher?*, reflete sobre a condição da mulheridade negra. Ao assumir que “o estereótipo de mulheres negras como selvagens sexuais” surgiu na escravidão e que, “em termos sexistas, uma selvagem sexual, não humana, animal não é estuprada” (p. 93), hooks já faz uso da interseccionalidade como categoria de análise – embora não reivindique o conceito – para compreender as relações entre os diferentes marcadores sociais da diferença no regime escravocrata.

A partir dessa compreensão, assumimos que o mercado de representações informa os processos de subjetivação, através da exploração e do consumo da outridade de corpos negros. A reprodução contínua dessas imagens naturaliza a condição de violência e desumanização sobre a qual corpos negros são submetidos diariamente. No entanto, somente criar imagens positivas não basta, é preciso modificar, também, as políticas do olhar e epistemes visuais, como sugere hooks.

<sup>6</sup> O termo “NBPOC” significa “pessoas não-negras e pessoas de cor”.



A partir dessas considerações, temos o necessário para compreender do que se trata a subjetividade negra radical: trata-se do rompimento do regime hegemônico de imagens que, ao deslocar os binários que produzem significados, permite a construção da subjetividade negra a partir da noção de que a negritude não é monolítica e uniforme. Sem ter a intenção de solucionar as consequentes implicações éticas neste momento, buscamos salientar que a subjetividade negra radical, dito de forma simples, é a possibilidade de ser negro e estar no mundo a partir dos próprios termos – processo que depende da posição do sujeito e de sua consciência. Pois, conforme Neusa Santos Souza, “uma das formas de exercer autonomia é possui[ndo] um discurso sobre si” (1983, p. 17).

## 2. A recuperação da posicionalidade e da afetabilidade

Existem diversas formas de modificar as políticas do olhar. Uma delas é a contestação (*transcodificação*) dos regimes representacionais (HALL, 2016).<sup>7</sup> Se, para hooks (2019d), é

---

<sup>7</sup> Na tentativa de romper com este paradigma, Hall (2016) apresentará três estratégias de contestação (*transcodificação*): 1) a inversão dos estereótipos; 2) a adição de imagens positivas a repertórios negativos; e 3) a crítica da representação. A primeira estratégia buscaria literalmente inverter o estereótipo criando um novo tipo de representação que seja totalmente o oposto da anterior. Para Hall, essa prática não desloca a “estrutura binária da estereotipagem racial” (2016, p. 215) porque se trata de uma prática que não foge à ambivalência representacional, isto é, os estereótipos (diferenças) podem ser tanto negativos quanto positivos. Conforme Hall (2016, p. 199), “os negros às vezes respondem a esta infantilização com a adoção de um tipo de caricatura em reverso dos estereótipos de hipermasculinidade e supersexualidade. Tratados como “crianças”, alguns negros, em reação, adotaram o estilo do “macho” agressivo, mas isso só serviu para confirmar a fantasia dos brancos sobre a natureza ingovernável e excessiva dos negros (...). Assim, as “vítimas” podem ficar presas na armadilha do estereótipo, confirmando-o inconscientemente pela própria forma com que tentam opor-se e resistir.” Isso acontece porque o estereótipo é ambivalente e as práticas de inversão não deslocam a sua estrutura binária. Trata-se, porém, de um paradoxo, afinal, trata-se também de um mecanismo de sujeição e a sujeição, conforme Butler (2019), é paradoxal, pois ela garante (ou não) a inteligibilidade dos sujeitos. Uma segunda estratégia baseia-se na adição de imagens positivas a repertórios negativos, na tentativa de substituir as imagens negativas. No entanto, como aponta Hall (2016, p. 218), “o problema da estratégia do positivo/negativo é que, embora a adição de imagens positivas ao repertório amplamente negativo do regime dominante de representação aumente a diversidade com que “ser negro” é representado, o aspecto negativo não é *necessariamente* deslocado. Já que os binários não foram deslocados, o significado continua a ser enquadrado por eles. A estratégia desafia os binários - mas isso não os prejudica.” Nesse sentido, nada impede, por exemplo, que mulheres negras sejam violentadas na rua, apenas em função de elas serem representadas de forma respeitosa na mídia. As imagens de controle não deixam de existir, apenas se adequam às mudanças ínfimas causadas por essas inserções que, devido a demandas de produção e consumo do mercado de imagens, não ganham significativa projeção. Para causar algum tipo de fissura ou fratura sistêmica, é necessário recorrer, pelo menos neste momento, à terceira estratégia de transcodificação elencada por Hall, a crítica da representação. A crítica da representação estaria “*dentro das complexidades e ambivalências da representação em si e tenta contestar a partir dessa esfera*” (HALL, 2016, p. 219), nesse sentido, é mais importante questionar “as formas de representação racial do que (...) a introdução de um novo conteúdo” (Idem.). Trata-se de uma metodologia de análise que, embora apresentada de

necessário que a política de representação questione os próprios fundamentos de seus sistemas representacionais, este ato crítico não pode replicar as próprias bases. É preciso ir além, é preciso recuperar o papel do corpo.

Ao longo de sua obra, hooks tem considerado, de forma a sempre fazer deste princípio uma de suas principais apostas, o papel do corpo, dos afetos e da experiência na produção de conhecimento e das epistemes visuais. Em *Ensinando a transgredir*, hooks argumenta:

existem momentos em que a experiência pessoal nos impede de alcançar o topo da montanha, e então a deixamos de lado, pois seu peso é muito grande. E às vezes é difícil alcançar o topo da montanha com todos os nossos recursos factuais e confessionais; então estamos todos juntos ali, Tateando, sentindo as limitações do conhecimento, ansiando juntos, procurando um meio de chegar àquele ponto mais alto. Até esse anseio é um modo de conhecimento. (2017, p. 124-5)

A partir dessas considerações, que ganham espaço desde a década de 80 com sua primeira publicação até os anos 2010, com a publicação de *Writing Beyond Race* (2012), hooks considera a experiência não somente como um ponto de partida para o conhecimento, mas também como algo que determina as condições pelas quais podemos ou não conhecer o mundo. Em oposição ao princípio da *determinabilidade*<sup>8</sup> da filosofia kantiana (que possui

---

forma embrionária por Hall, faz muito sentido no escopo do pensamento de hooks. A crítica da representação é uma metodologia de análise que busca desconstruir os regimes de representação e possibilitar a construção de uma subjetividade negra radical. Conforme hooks (2019c, p. 36-37), a crítica da representação “é também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar as perspectivas e os modos de ver.”

<sup>8</sup> O princípio da *determinabilidade* (*Grundsatz der Bestimmbarkeit*) designa a possibilidade objetiva de uma síntese em geral. “Possibilidade objetiva” porque a necessidade resultante desse princípio não será mais subjetiva, referente a um certo entendimento, mas fundada “nas próprias coisas e nas suas relações entre si”; por isso, ele será o princípio de todo “pensar real” (*reelles Denken*), para além de todo pensar meramente formal (regido pelo princípio de contradição) e de todo pensar arbitrário (que, no fundo, não é nenhum pensar)” (GASPAR, 2017). Para Kant (2015), em sua analítica dos princípios, a experiência, embora seja o primeiro produto de nosso entendimento no que se refere à percepção do mundo sensível (p. 65), ela só determina o conhecimento *a posteriori*, isto é, de forma empírica. O entendimento puro (a razão pura) independe da experiência e pode nos oferecer afirmações verdadeiras (juízos) que podem ser universalizadas, pois já temos as categorias necessárias para o entendimento, apesar da experiência. Para Ferreira da Silva (2019), trata-se da “ideia de que o conhecimento resulta da capacidade do Entendimento de produzir conceitos formais que podem ser usados para determinar (isto é, decidir) a verdadeira natureza das impressões sensíveis reunidas pelas formas da intuição.” (p. 39).



relação direta com a *separabilidade*<sup>9</sup>), há, em sua obra, a importante noção de que podemos conhecer com o corpo e por meio dos afetos.

Por isso, destacamos ainda um possível diálogo com as teorias do ponto de vista feminista, que evidenciam o papel da *posicionalidade* na produção de conhecimento e de um determinado ponto de vista sobre a realidade social, a partir do pressuposto de que a experiência informa o conhecimento específico (algo que hooks será razoavelmente crítica chamando atenção para o risco de cairmos em leituras monolíticas da identidade/experiência a partir disso).

Nesse sentido, consideramos ser este o momento ideal para introduzir o conceito de *afetabilidade*. A partir de uma leitura fractal e crítica do texto moderno, Denise Ferreira da Silva apresenta a *afetabilidade* como sendo “a condição de ser submetido a ambas as condições naturais (em as condições científicas e leigas) e ao poder dos outros” (2007, p. xv), chamando atenção para o fato de que o “eu” afetável “determina” a construção das mentes não-europeias. Com isso, Ferreira da Silva aponta a negação da *afetabilidade* pelo projeto da filosofia moderna em função da consolidação do princípio da *separabilidade* – que determina que o corpo e o espaço não possuem papel importante para a forma como se conhece o mundo e se relaciona com outrem e, conseqüentemente, se produz conhecimento.

Em bell hooks, a *afetabilidade* aparece com a reivindicação da experiência vivida e da teorização da dor, nos momentos em que a autora nos convida a engajar na produção de um saber específico sobre o mundo que *não separa* práxis de teoria. Para compreender como isso se dá, podemos começar com a forma pela qual hooks escreve seus ensaios a partir de experiências narradas e a partir de sua crítica ao modo de sistematização do conhecimento presente na academia ocidental.

Ao pensar a si mesma como uma intelectual orgânica, hooks – muitas vezes ao lado de Cornel West – compreende que os processos de produção de conhecimento são sempre

---

<sup>9</sup> Na filosofia de Descartes, chamamos de “separabilidade” a capacidade de duas coisas existirem separadamente uma da outra, ou em seus termos, a distinção real entre corpo e alma. Para Descartes, se duas coisas podem ser conceituadas de forma distinta, elas podem existir separadamente. Portanto, quando assume, em *Meditações Metafísicas*, que sua essência consiste em um ser que pensa, ele nega qualquer propriedade corporal que possa mediar ou “determinar” sua capacidade de pensar (GAVA, 2010). Nas palavras de Ferreira da Silva (2019), *separabilidade* é “a ideia de que tudo o que pode ser conhecido sobre as coisas do mundo deve ser compreendido pelas formas (espaço e tempo) da intuição e as categorias do Entendimento (quantidade, qualidade, relação, modalidade) –, todas as demais categorias a respeito das coisas do mundo permanecem inacessíveis e, portanto, irrelevantes para o conhecimento.” (p. 39).

socialmente referenciados e o intelectual deve, sobretudo, ter um compromisso e engajamento político. Nesse sentido, desenvolve-se o caminho para a formulação da consciência crítica.

Retornando ao argumento central desta seção, gostaríamos de evidenciar que a *afetabilidade* em bell hooks possui um papel crucial no modo como o conhecimento é produzido e validado em determinados espaços (acadêmicos), que geralmente são organizados por padrões eurocêntricos de validação. Com isso, buscamos ressaltar que a posição do corpo no espaço (posicionalidade) influencia não somente a produção de conhecimento do sujeito, mas também molda a sua consciência, produzindo, assim, um mecanismo simbólico de significação do mundo ao seu redor – o que chamaremos de *gaze*.

### 3. *Oppositional gaze* e a potência da imaginação

Para introduzir o conceito de *gaze*, podemos partir do seguinte exercício: se imagine em uma sala. Neste primeiro momento, você verá a sala a partir de seus próprios olhos. Olhando ao seu redor, você é um corpo que *está* na sala. A sua *experiência* da sala é construída a partir da sua *posição* e do seu *olhar*. Agora, imagine-se como alguém que *olha* a sala. Ou seja: agora você é um olhar que vê a sala. O que muda? A percepção, a posição e a experiência. Na primeira situação, temos a experiência do sujeito sem mediação evidente, mas na segunda situação percebemos o enquadramento pelo qual se vê e, mais importante, o ponto de vista que observa o espaço.

O conceito de *gaze*, introduzido na década de 80 por Laura Mulvey (1989), na teoria do cinema, busca compreender exatamente os mecanismos envolvidos no *olhar* que faz com que percebemos coisas novas ao deslocarmo-nos na primeira para a segunda situação narrada há instantes. Nesse sentido, o *gaze* seria uma lente a partir da qual, no cinema, a cena é construída. Expandindo a noção, *o gaze é a lente pela qual vemos a realidade e produzimos sentido*.

De acordo com o verbete da *The Chicago School of Media Theory*,

Um olhar [*gaze*] pode ser usado para conferir significado a uma peça, seja o olhar [*gaze*] que emana do espectador ou da obra de arte. (...) A interação (ou



comunicação) entre os dois olhares [*gazes*] ofusca assim os limites entre os dois papéis até que se torne incerto quem exatamente está olhando [*gazing*] para quem; o olhar [*gaze*] torna-se um modo de interação entre o espectador e a obra de arte.<sup>10</sup>

Dessa forma, o *gaze* não é somente uma relação, como já aponta Ann E. Kaplan (1997), em *Looking for the Other*. Para além do simples olhar [*to look*], que é uma simples relação, Kaplan sugere que *gaze* seja entendido como uma visão subjetiva. Segundo ela, o *gaze* é ativo, uma relação de consumo, e não de troca. Trata-se de uma relação entre o sujeito ativo e o objetivo passivo, a partir da qual o significado é produzido de acordo com o olhar de quem olha [*gaze*].

Precisamente a partir disso, hooks abre o capítulo “O olhar opositor” (do livro *Olhares Negros*) abordando as relações do olhar e o direito ao olhar, pois trata-se de relações de poder. Embora *gaze* não possua uma tradução exata e precisa, alguns pesquisadores utilizam o termo “olhar” para se referir ao conceito.

Para hooks, o olhar tem sido um tema central para a crítica cultural, pois é a partir dele que se produz pontos de vista e perspectivas epistemológicas em uma sociedade pautada no privilégio e ontologia visual. A partir da leitura de Michel Foucault, hooks analisa o olhar como mecanismo de controle e de perpetuação de regimes de dominação. A este ponto, observamos a ambivalência do olhar enquanto uma relação [*to look*], mas também enquanto um mecanismo de significação [*to gaze*].

Na sua compreensão, o espectador, ao olhar, adentra um espaço imaginativo no qual é convidado a interagir com a representação. Esse espaço imaginativo, de acordo com hooks, media as relações de poder presentes na imaginação social e nas representações. Estamos falando, portanto, de um poder falocêntrico que media a negação racial (2019d, p. 220), afinal, ao deslocar sua análise para compreender as teorias psicanalíticas feministas e do cinema, hooks busca entender como as representações são mediadas pelo falocentrismo presente nos discursos de violência (quase sempre propagados em representações da negritude).

Nesse sentido, hooks questiona a estabilidade e capacidade de representação do sujeito “mulher” para analisar os processos de construção de imaginários e o poder da imagem

<sup>10</sup> Disponível em: < <https://lucian.uchicago.edu/blogs/mediatheory/keywords/gaze/>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

(KUHN, 1985). De acordo com hooks (2019d, p. 229), “o conceito de ‘Mulher’ apaga a diferença entre mulheres em contextos sócio-históricos específicos, entre mulheres definidas precisamente como sujeitas históricas em vez de como *uma* sujeita psíquica (ou uma não sujeita).” A partir dessa crítica, hooks chama atenção para a instabilidade dessa categoria identitária e reivindica a construção de uma nova consciência da espectadora.

Essa tomada de consciência (mas também a sua radicalização) é o que hooks chama de “*oppositional gaze*”. Tal processo se dá a partir da reflexão da autora sobre as consciências que são definidas nos termos de *outrem*. Desenvolver um olhar opositor seria, então, um ato de tomada radical de consciência, de estar consciente das condições que constituem alguém como sujeito.

Para a filósofa Donna-Dale L. Marcano (2009), a contribuição de hooks para a Filosofia se dá, principalmente, a partir das considerações da autora acerca da consciência feminista negra, sobretudo em *Erguer a Voz* (2019b).<sup>11</sup> No entanto, hooks nos coloca uma importante questão:

De que maneira podemos criar uma visão de mundo questionadora, uma consciência, uma identidade e um ponto de vista que existem não apenas como luta contra a desumanização, mas também como movimento que permite uma formação ampla e criativa? Oposição não é o bastante. No espaço deixado por aquele que resiste ainda há a necessidade do devir. (HOOKS, 2019a, p. 55)

Seguindo a proposta do *oppositional gaze* de hooks, temos que a construção de novos modos de subjetivação talvez seja fundamental para sua efetivação. Trata-se de uma subjetividade negra radical.

Segundo hooks (2019a, p. 56), o processo de tomada de consciência se inicia “quando o indivíduo busca compreender como as estruturas de dominação atuam em sua própria vida”, de modo a compreender, também, quais mecanismo de sujeição o informam. A consciência

<sup>11</sup> “A descrição de *talking back* de hooks e de *vir à voz* oferece uma fenomenologia da consciência feminista da mulher negra que nos permite compreender o risco de punição que muitas mulheres negras enfrentam. Esta consciência atravessa as estruturas da transcendência e da facticidade e desafia a postura do filósofo de transcendência e objetividade não ameaçada ao retratar a relação entre o eu e o mundo e as questões e preocupações que daí derivam.” (MARCANO, 2009, p. 118)





dessas contradições seria, então, fundamental para inventar “novas formas de existir e de resistir distintas do espaço marginal da diferença internamente definida” (2019a, p. 56).

Esse espaço marginal precisa ser subvertido para se tornar um espaço seguro (COLLINS, 2019; HOOKS, 2019d) e permitir a autodefinição desses sujeitos. Para hooks, à esteira do pensamento de Paulo Freire e Stuart Hall, a oposição não basta porque ela não desloca a estrutura binária que organiza nossas relações. É preciso, portanto, que rompamos com essas imagens e representações e inventemos novas formas de ser e estar no mundo para que a subjetividade negra radical seja, de fato, possível. Conforme hooks (2019a, p. 62), “o foco em imagens boas e ruins está mais fundamentalmente conectado ao dualismo metafísico ocidental que serve de base filosófica para a dominação racista e machista, do que a uma tentativa radical de repensar as identidades culturais negras.”

No processo da subjetividade negra radical, a política de identidade precisa ser revista de modo que a identidade seja apenas “evocada como a etapa de um processo por meio do qual se constrói uma subjetividade negra radical” (HOOKS, 2019a, p. 64). E se a identidade é evocada apenas como uma etapa, a política da subjetividade negra radical seria pós-identitária? A superação dos binários implicaria, necessariamente, na destituição dos processos de identificação?

Sem ter a intenção de responder a essas perguntas, queremos chamar atenção para um aspecto central da subjetividade negra radical: práticas culturais contra-hegemônicas e autodefinição. Conforme hooks (2019a, p. 66),

A subjetividade negra radical só pode ser reconhecida pelos outros sem uma constante resistência política nos contextos em que pessoas brancas e as elites do Terceiro Mundo não busquem manter a hegemonia cultural, insistindo que sejamos aquilo que esperam de nós.

Nesse sentido, é preciso também haver um contexto de enunciação que permita a construção do sujeito radical negro e este *locus enunciativo* (ALCOFF, 1991) só se torna possível num contexto pós-capitalismo. É nesse contexto que se faz necessário o uso das imagens como espaços de abertura radical para que novos sujeitos se tornem sujeitos e sejam vistos como tais, dentro de um sistema representacional específico.

De acordo com Maria del Guadalupe Davidson (2009), é nomeando a marginalidade que nos foi imposta que hooks (2019a) salienta o contexto fértil de surgimento das políticas da subjetividade negra radical. Davidson salienta ainda que a subjetividade negra radical pode romper com as dinâmicas de comodificação dos corpos negros. Segundo a filósofa,

A diferença entre a subjetividade negra *radical* e a subjetividade negra é que esta última é um conceito binário, estabelecido a partir de uma oposição à branquitude. A subjetividade negra radical não se limita a uma relação binária, ao passo que a subjetividade negra objetiva apenas rejeitar a constituição externa e a “desumanização” impostas pela branquitude. (DAVIDSON, 2009, p. 128)

A subjetividade negra radical seria, desse modo, um mecanismo de subjetivação que possibilitaria a existência de um novo sujeito que pode se autodefinir de acordo com os próprios termos e compreender que a consciência do *Outro* não implica na aniquilação do *Eu*. Em última análise e em outras palavras, “nosso reconhecimento parte de nós mesmos e do desejo de manter contato com todos aqueles que se unem a nós de maneira construtiva” (HOOKS, 2019a, p. 68).

Os discursos de violência, no entanto, encontram subsídios para sua perpetuação nos mecanismos de produção de sentido que estruturam o mundo colonial (ideologia, conhecimento, linguagem etc). hooks (2001) reconhecerá nas representações da negritude na televisão estadunidense da segunda metade do século XX uma forma de garantir a relação entre negritude e violência a partir do *gaze* operante. Nesse caso, estamos falando de um *white gaze*.

Em *Olhares negros*, a grande questão é como o imaginário falocêntrico constitui um *gaze* específico que media os processos de subjetivação das mulheres negras. Para tanto, hooks se dedica a uma análise cuidadosa, a partir das contribuições de autores como Stuart Hall, Teresa de Lauretis, Anne Friedberg, Ann E. Kaplan e tantas outras, para compreender as formas pelas quais os espectadores entram em espaços imaginativos. Em outras palavras, encontramos em *Olhares negros* a importante ideia de que ser espectador de algo é adentrar um determinado espaço imaginativo (imaginário estabelecido pela representação) que é mediado por relações de poder.



Nesse sentido, retornamos a uma das ideias citadas ao início de minha fala: a noção de que a manutenção das imagens é central para o sistema capitalista e colonial. Para exemplificar isso, em “Comendo o outro” (capítulo 2 de *Olhares negros*), hooks narra o caso de uma pesquisa de mercado que revelou que as pessoas negras eram o público majoritário da marca de refrigerante Pepsi e, a partir disso, viam-se mais pessoas negras em comerciais da marca. Trata-se de um clássico caso de mercantilização das diferenças culturais.

A partir dessa compreensão, tanto Hall quanto hooks assumem que a mera inserção de representações positivas da negritude não é o suficiente, pois estamos lidando com um imaginário antinegro. E, com isso, ratificamos o importante enunciado de hooks (2019a): a oposição não é o bastante, é preciso ir além das oposições binárias. Nesse caso, uma possibilidade é a construção de subjetividades radicais, entendendo que a construção da negritude radical precisa estar ligada a um imaginário que não se organiza a partir da lógica binária, que estabelece a negritude como sendo a oposição da branquidade.

Ao aprofundar o debate sobre subjetividade, temos que um dos elementos importantes na obra de hooks é a consciência do sujeito; especificamente, a consciência crítica. Pois é a consciência que é moldada pela experiência e afetos do corpo e pode mediar as condições pelas quais se torna possível a subjetividade radical. E é precisamente nesse ponto que reside a importante relação que este texto apresenta.

### **Tecendo considerações...**

Historicamente, hooks tem analisado como a reivindicação de estereótipos negativos por parte de mulheres negras tem sido importante para os mecanismos de “autodefinição” destas. No entanto, hooks também adverte a lógica binária por trás dessa premissa. Afinal, reivindicar uma imagem negativa sobre si mesma a fim de ressignificar o estereótipo, como já nos ensinou Hall, não desloca os binários que organizam as representações culturais.

Com isso, chegamos à hipótese de que é preciso, portanto, transformar, principalmente, os modos de se ver. Podemos transformar os modos de se ver a partir da transformação da consciência. Em outras palavras, a partir da construção de um *oppositional gaze*. Nesse sentido, o “*oppositional gaze*” de hooks seria a construção de uma consciência

oposicional (que não é opositora, pois recupera a posicionalidade do corpo; e não é somente um olhar, pois evidencia a experiência e percepção do sujeito) a partir da experiência de pessoas e, principalmente, mulheres negras para que não mais recebamos as imagens da mídia hegemônica de forma acrítica, como aponta hooks (2019d).

Dessa forma, desenvolver um *oppositional gaze* seria, então, um ato de tomada radical de consciência, de estar consciente das condições que constituem alguém como sujeito. Com base nessa compreensão, encontramos na obra de hooks diversos elementos que nos ajudam a pensar sobre a relação entre imagem, identificação e subjetivação. Nesse momento, estamos falando dos meios de comunicação social como um aparato de replicação da agenda representacional dominante. É claro, pois, que existem produções que se localizam no campo do *oppositional gaze*, mas no campo da visibilidade da agenda neoliberal, o que ganha espaço é o que mantém o sistema.

Para além de observamos, evidentemente, a importância da experiência vivida na formulação de teoria, encontramos também, nas análises de hooks, um precioso elemento que nos coloca a pensar: se o texto de hooks se dedica a analisar a experiência da espectadora negra, qual seria o ponto de expansão para uma consciência coletiva? Partindo da noção de que a imagem, o ato de criação de significado, é central para criar mundos, como deslocar e criar rotas de fuga para a construção de uma subjetividade radical?

Essas questões nos colocam a pensar, a imaginar e a criar alternativas. Sem ter a intenção de esgotar a discussão, esperamos que os elementos postos à mesa sejam úteis instrumentos para uma transformação da indústria cultural e do mercado de arte que, embora siga a lógica da plantação cognitiva (MOMBAÇA, 2021), surge na história e é também na história que podemos criar nossas próprias consciências. Com isso, podemos e devemos buscar enxergar “nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (p. 240), rumo a novas consciências.



## Referências

ALCOFF, Linda. “The Problem of Speaking for Others.” **Cultural Critique**, no. 20, 1991, pp. 5-32. Tradução disponível em: <  
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8762>>.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <  
<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso e, 04 jun. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIDSON, Maria del Guadalupe. “bell hooks and the Move from Marginalized Other to Radical Black Subject”. In: DAVIDSON, Maria del Guadalupe; YANCY, George. **Critical Perspectives on bell hooks**. New York: Routledge, 2009, p. 121-131.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do Outro (a origem do “mito da Modernidade”)**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **Toward a Global Idea of Race**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2007.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política & Living Commons, 2019.

GASPAR, Francisco Prata. “Retrato filosófico de Salomon Maimon: crítica a Kant e retomada da metafísica do infinito”. **Revista de Estud(i)os sobre Fichte** [online], 14 | 2017, publicado em 01 jun. 2019, consultado em 26 mai. 2022. URL: <http://journals.openedition.org/ref/732>; DOI: <https://doi.org/10.4000/ref.732>

GAVA, Lara Gaves. **Separabilidade e distinção real entre corpo e alma nas *Meditações Metafísicas***. 2010, 101f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <  
<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24856>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

GILROY, Paul. **Small Acts: thoughts on the politics of black cultures**. London & New York: Serpent’s Tail, 1994.

HALL, Stuart. “Signification, Representation, Ideology: Althusser and the Post-Structuralist Debate.” **Critical Studies in Mass Communication**, v.2, No. 2, 1985, p. 91-114. Disponível em: <  
[https://pages.mtu.edu/~jdslack/readings/CSReadings/Hall\\_Signification\\_Representation\\_Ideology.pdf](https://pages.mtu.edu/~jdslack/readings/CSReadings/Hall_Signification_Representation_Ideology.pdf)>. Acesso em: 26 mai. 2022.



- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. e rev. téc. Arthur Ituassu. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Outlaw Culture: Resisting Representations**. New York: Routledge, 1994.
- HOOKS, bell. **Killing Rage: Ending Racism**. New York: Holt Publishers, 1995.
- HOOKS, bell. **Art on My Mind: Visual Politics**. New York: The New Press, 1995.
- HOOKS, bell. **Reel to Real: Race, class, and sex at the movies**. New York & London: Routledge, 1996.
- HOOKS, bell. **Salvation: Black People and Love**. New York: HarperCollins Publishers, 2001.
- HOOKS, bell. **Writing Beyond Race: Living Theory and Practice**. New York: Routledge, 2013.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes WMF, 2017.
- HOOKS, bell; HALL, Stuart. **Uncut Funk: A Contemplative Dialogue**. New York: Routledge, 2018.
- HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora Elefante, 2019a [1990].
- HOOKS, bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora Elefante, 2019b [1989].
- HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019c [1981].
- HOOKS, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019d [1992].
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Fernando Costa Mattos. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- KAPLAN, Ann E. **Looking for the Other: Feminism, Film, and the Imperial Gaze**. New York & London: Routledge, 1997.
- KUHN, Annette. **Power of the Image: Essays on Representation and Sexuality**. New York: Routledge, 1985.
- MARCANO, Donna-Dale L. "Talking Back: bell hooks, Feminism, and Philosophy. In: DAVIDSON, Maria del Guadalupe; YANCY, George. **Critical Perspectives on bell hooks**. New York: Routledge, 2009, p. 111-120.
- MARTINS, Leda Maria. PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. *Letras, [S. l.]*, n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 4 jun. 2022.



- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. In: **Arte e descolonização**. MASP & Afterall. Org. Amanda Carneiro. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>>. Acesso em: 26 mai. 2022.
- MULVEY, Laura. **Visual and Other Pleasures**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- SANTOS, Gislene Aparecida. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Pallas, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.
- WEKKER, Gloria. “Afropessimism.” **European Journal of Women’s Studies**, 28(1), 86–97, 2021. <https://doi.org/10.1177/1350506820971224>
- WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. Trad. Rogerio W. Galindo e Rosiane Correira de Freitas. São Paulo: Todavia, 2021.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 05 de junho de 2022.  
**Artigo aprovado para publicação em:** 09 de junho de 2022.